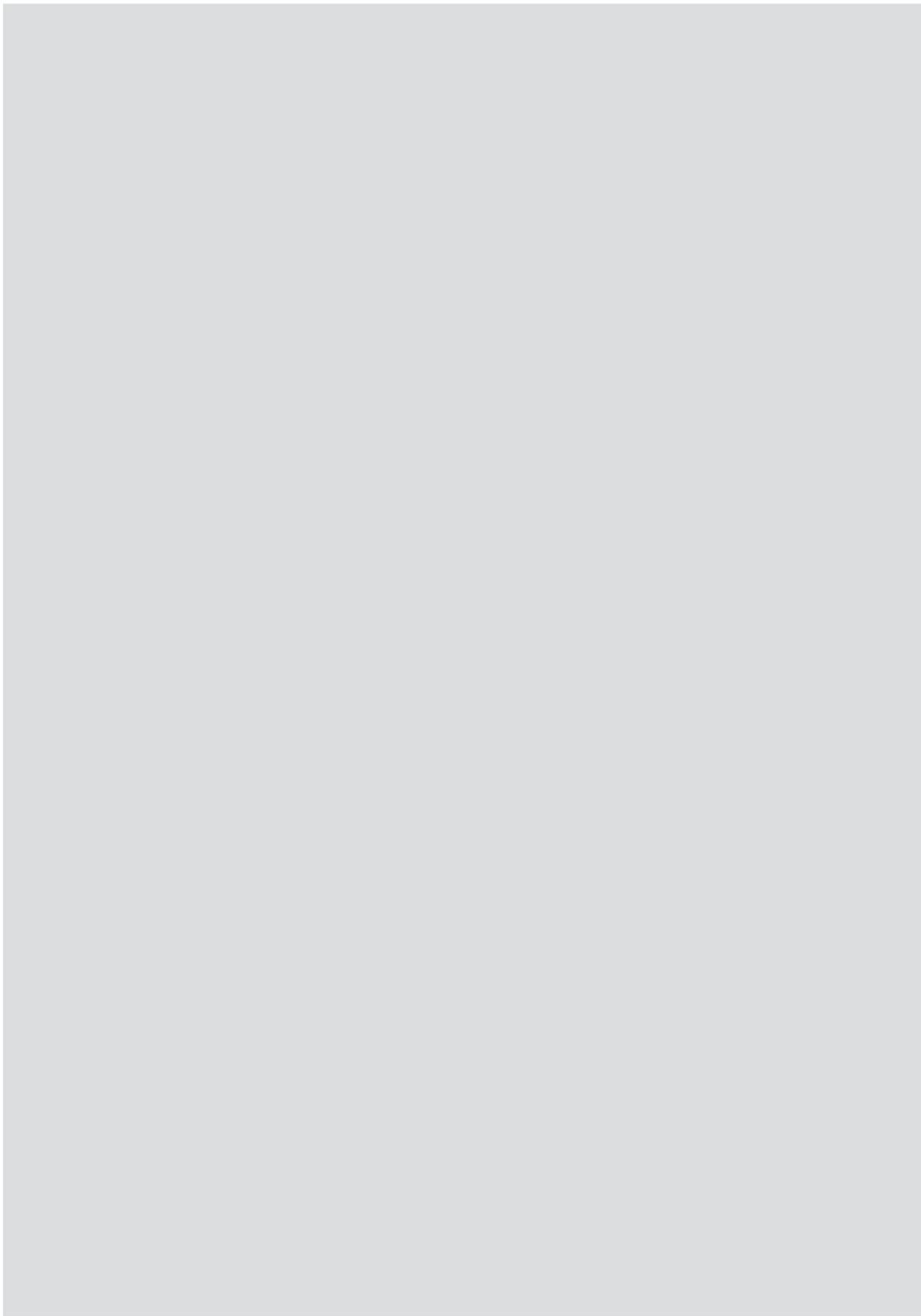


TÂNIA BACELAR DE ARAÚJO um intérprete do nordeste

Economista,
Professora da
Universidade
Federal de
Pernambuco





O Brasil perdeu, no dia 22 de junho de 2007, um de seus mais importantes intérpretes. Da mesma geração de Caio Prado, Celso Furtado, Milton Santos, Josué de Castro e Gilberto Freyre, ele também dedicou sua inteligência e sua capacidade de análise para tentar interpretar o Brasil e, em especial, o Nordeste. No caso de Manuel Correia, sua obra-prima foi publicada em meados dos anos sessenta: *A Terra e o Homem no Nordeste*, que se tornou leitura obrigatória para quem quer conhecer as bases da organização socioeconômica da Região.

Ciente da fantástica diversidade ambiental, socioeconômica e cultural da Região, Manuel Correia dissecou as relações homem/natureza e, especialmente, as relações sociais que predominavam em cada uma das sub-regiões geográficas que compreendiam o Nordeste dos anos sessenta. Revelou as diferenças do meio natural que separam o Nordeste quente e úmido da Mata e do Litoral, dos espaços sub-úmidos do Agreste e semi-árido do Sertão, sem esquecer da zona úmida continental que chamou de Meio-Norte. Antes dele, Gilberto Freyre já distinguira dois Nordeste – o úmido e o seco – e Josué de Castro já analisara as diferenças entre os regimes alimentares da mata úmida (onde predominava o que chamou de fome crônica) daquele da zona semi-árida (onde a fome era epidêmica, pois ocorria apenas nos momentos da seca).

Mas sua análise das relações sociais de produção dominantes no Nordeste rural é o ponto alto do exame que fez da realidade dessa região. A denúncia do papel do latifúndio e das consequências nefastas do minifúndio para a construção de uma região economicamente mais dinâmica e socialmente mais justa o aproxima de Celso Furtado. Ambos não aceitavam que um povo tão trabalhador e criativo amargasse as consequências de modelos de organização socioeconômica geradores de fortes injustiças sociais e de níveis de vida tão indignos.

Em vez de culparem a natureza, colocando na irregularidade das chuvas a explicação para o drama social de seca que atingia milhares de sertanejos, como o faziam os poderosos oligarcas e seus ventrículos, Furtado e Manuel Correia defendiam que o problema estava na forma como se procedera o povoamento e nas bases organizacionais que estruturavam as relações entre proprietários e parceiros no Sertão nordestino. Deixavam claro que não bastava armazenar água, era preciso transformar as estruturas produtivas, mexer na estrutura agrária, apoiar os produtores

sem terra – que eram e continuam sendo a maioria dos sertanejos. Ousaram dizer que o problema não era o ano da seca: era o ano bom. Nele, milhares de produtores produziam mas não acumulavam. Zerados no final de cada ciclo produtivo, não tinham lastro para viver no ano em que as chuvas caíam de forma irregular, inviabilizando o plantio. Propunham mudar a forma de fazer política pública no Nordeste.

Furtado e Manuel Correia convergiam noutro ponto, sonharam o mesmo sonho: juntar irrigação com reforma agrária. Levar água a manchas de terras boas que existem no imenso semi-árido e organizar a produção irrigada com base na produção familiar, em associações de irrigantes, em cooperativas de produtores. A irrigação veio, mas foi tarefa de grandes empresas, da produção patronal. Criou oásis de alta produtividade cercados da miséria de sempre.

Talvez pressentindo seu momento, Manuel Correia lembra essa derrota e reafirma sua convicção de que é preciso juntar irrigação com mudança na velha estrutura agrária do Nordeste, em artigo domingueiro publicado depois de seu falecimento pelo *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, intitulado *O Homem e a Seca*. Nele, volta a criticar o que chama de crescimento sem desenvolvimento. E volta a defender o que os poderosos nunca permitiram que ocorresse no Nordeste: juntar irrigação com distribuição de terras, articulando esse binômio com educação e assistência técnica especializada para milhares de famílias de produtores nordestinos. Reabre a discussão num bom momento, pois o projeto da interligação de bacias a partir do Rio São Francisco recoloca esse tema, mas o debate não consegue chegar nesse que é o xis da questão: para quem levar as águas transportadas para longe? Qual o modelo de desenvolvimento a ser promovido nas áreas a serem irrigadas (e valorizadas) pelas águas vindas do “Velho Chico”?

Às vésperas de partir, Manuel Correia voltou a defender que, no Nordeste semi-árido, não basta promover a agricultura irrigada, pois a enorme maioria das terras sertanejas não a comporta. Insistiu em defender, como o fazia Guimarães Duque, que a lavoura de sequeiro é uma das possibilidades para essa região, se privilegiar culturas de ciclo vegetativo curto, como o algodão, o sorgo, o gengibre...

Sabia que o Nordeste descrito no clássico *A Terra e o Homem* mudara muito. Urbanizou-se, industrializou-se, foi cortado por moder-

nas infraestruturas de transportes, energia e telecomunicações. Os sertanejos deixaram de mendigar migalhas em tempos de secas porque têm agora a cobertura permanente da Previdência Rural e dos programas de Transferência de Renda. Mas Manuel Correia também sabia que ele, como Furtado e Guimarães Duque, haviam sido derrotados. Não viram suas teses mais caras serem aplicadas. E se foram deixando para os que ficam a tarefa de continuar a luta por um Nordeste sem Bolsa-Família, mas com sertanejos que produzem flores no semi-árido, que criam ovinos e caprinos com técnicas adequadas, que exportam mel, que praticam a irrigação em suas terras, orientadas por uma competente assistência técnica, que inovam permanentemente. Um Nordeste que, finalmente, associe reforma agrária com irrigação, que junte água com terra fértil para gerar produção eficiente com renda bem distribuída.

Manuel Correia nos deixa uma última lição de lucidez, combatividade e otimismo. Pois era incorrigível: não desistia de ver um outro Nordeste brotar de iniciativas adequadas. Concluiu seu derradeiro artigo afirmando que “a lentidão do crescimento e a pobreza regional não impedem que se vislumbre a perspectiva de aceleração do crescimento e se planeje um crescimento homogêneo e voltado para os interesses da população e não das elites que exploram de formas as mais variadas o povo e a região”.